

Emigração no ano passado atingiu 110 mil portugueses

Saídas tendem a agravar-se em 2014, sendo que a crise acentuou o carácter europeu da emigração. Saem mais homens do que mulheres e continuam a ser maioritariamente pouco escolarizados

Demografia Natália Faria

No ano passado, emigraram cerca de 110 mil portugueses. O número, retirado do relatório estatístico do Observatório da Emigração, confirma as previsões mais pessimistas dos especialistas que têm analisado a sangria demográfica do país. No ano anterior, em 2012, já tinham emigrado 95 mil. “O mais provável é que em 2014 este número volte a aumentar ligeiramente”, admite o investigador José Carlos Marques, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Porque o relatório mede as saídas dos portugueses com os dados sobre as entradas nos países estrangeiros de destino, José Carlos Marques admite que a realidade seja ainda mais dura: “Nem todos os portugueses que saem vão inscrever-se nos consulados dos países de destino”. Na caracterização dos portugueses que procuram trabalho lá fora, constata-se que 61% têm apenas a escolaridade básica, o que contraria a tese da “fuga de cérebros”.

Na medição do impacto da crise sobre os fluxos migratórios, o estudo constata que a emigração diminuiu no arranque da crise, mas voltou a crescer a partir de 2011. Entre 2007 e 2012, saíram do país, em média, 82,5 mil portugueses por ano, “mas em crescimento, oscilando entre 70 mil e 95 mil ao longo do período”, conforme se lê no relatório coordenado pelo investigador do ISCTE Rui Pena Pires, e encomendado pelo gabinete do secretário de Estado das Comunidades. Em meados deste ano, José Cesário já alertava para o crescimento do número de “situações graves de isolamento e pobreza” entre os que emigram de Portugal.

Este relatório não faz esse tipo de avaliação. Mas mostra que a crise acentuou o carácter europeu da emigração portuguesa. Entre 1960 e 2010, “a percentagem de emigrantes portugueses a viver na Europa passou de 16% para 67%”, ou seja, “multiplicou por nove, passando de 165 mil para mais de milhão e meio”.

Mais recentemente, entre 2008 e 2012, a Europa foi o destino escolhido por 80 a 85% dos emigrantes portugueses. Para Angola e Moçambique terão ido cerca de 10 a 12% e

apenas 1% para o Brasil. “Existem na Europa bolsas de emprego em sectores específicos nos quais os portugueses têm alguma facilidade em se inserir”, explica José Carlos Marques, para apontar ainda o “factor proximidade” na escolha do destino. “É mais fácil experimentar procurar emprego na Europa do que ir à aventura para Angola ou Brasil. E os custos envolvidos também são diferentes”.

No mapa-mundo da emigração portuguesa, Reino Unido, Suíça e Espanha perfazem o conjunto dos principais novos destinos. O conjunto da população portuguesa emigrada nestes três países aumentou em cerca de 600% (contra um aumento de 68% para a generalidade dos países europeus). Mas com diferenças. O Reino Unido, que é hoje o principal destino da emigração portuguesa, registou em 2013 um aumento de 50% no número de novas chegadas, atraindo sobretudo os portugueses mais qualificados.

Já em Espanha a emigração portuguesa não diminuiu: entrou em colapso. Em 2007, entraram 27.178 portugueses naquele país e, em 2013, apenas 5302. O decréscimo da emigração para Espanha resultou sobretudo da crise na construção. “O colapso de emigração portuguesa para Espanha foi, portanto, o colapso da emigração portuguesa mais desqualificada e precária, eventualmente com processos de remigração”.

Já o Brasil, Canadá e Estados Unidos, assim como a Venezuela, somam muitos emigrantes portugueses, sim, mas envelhecidos e em declínio, já que as novas chegadas àqueles destinos são insuficientes para compensar a mortalidade e eventuais movimentos de retorno. Os investigadores distinguem ainda um conjunto de países com portugueses envelhecidos mas em crescimento, devido à retoma dos fluxos: Alemanha, França e Luxemburgo.

No global, os portugueses a residir fora de fronteiras rondam os 2,3 milhões. “Contando com os descendentes directos destes emigrantes, a população de origem portuguesa nos países de emigração ultrapassará os cinco milhões”.

Portugal é, no contexto europeu, o país com maior emigração. Os portugueses emigrados representam mais de um quinto (21%) da população re-



A emigração para o Reino Unido, Suíça e Espanha aumentou cerca de 600% (contra 68% na Europa)

Principais destinos dos portugueses em 2013

Reino Unido

No ano passado, 30.121 portugueses foram trabalhar para o Reino Unido, mais 47% do que no ano anterior. Em 2007, ou seja, antes do início da crise, tinham entrado neste país 12.040 portugueses. No ano passado, os portugueses protagonizavam o quinto maior movimento de entrada de emigrantes no país, representando 5% do fluxo total. Em 2012, havia já 90 mil portugueses a residir no Reino Unido.

Suíça

Acolheu 14.388 emigrantes portugueses no ano passado. A emigração portuguesa representa, actualmente, o segundo maior fluxo de entradas no país, a seguir aos alemães. Em 2012, as entradas de portugueses representaram cerca de 12% do total de entradas de emigrantes na Suíça. Que continua a ser, a seguir à França, o segundo principal

país de residência da população portuguesa emigrada, com 194.840 portugueses. Em 2012, os portugueses eram a segunda nacionalidade mais numerosa entre a imigração na Suíça (10% do número total de imigrantes).

Alemanha

Entraram no país liderado por Angela Merkel 11.401 portugueses, mais 26% do que no ano anterior. Em 2007, apenas 3766 portugueses tinham escolhido este destino para trabalhar, sendo que a população portuguesa emigrada neste país era de 104.084 em 2013.

Espanha

Foi o destino escolhido por apenas 5302 portugueses em 2013, contra os 27.178 registados em 2007, ou seja, antes da crise que se repercutiu desde logo no sector da construção civil. Em 2013, havia 134.248 portugueses a trabalhar em Espanha.

Luxemburgo

No ano passado, 4590 escolheram este destino para trabalhar, representando cerca de 22% do total de entradas de emigrantes no Luxemburgo, país em que são portugueses 28% dos emigrantes. Em números absolutos, os números de 2011 mostravam que havia 60.897 portugueses a viver no Luxemburgo.

Brasil

Os registos apontam para 2913 portugueses entrados em 2013. Apesar da diminuição do volume da emigração portuguesa desde a década de 1960, as saídas para este país aumentaram 96% em 2011, apesar de se manterem modestas em termos absolutos. No ano passado, os portugueses constituíam 5% da emigração total em 2013, representando 23% do total de residentes no país nascidos no estrangeiro: 137.913. **N.F.**

sidente. No reverso desta medalha, a imigração atira-nos para o fundo da tabela: os imigrantes representam menos de 6% da população residente, se excluirmos os retornados nascidos nas ex-colónias.

Recessão populacional?

O relatório aponta os riscos de recessão populacional. Na viragem do século, a população portuguesa emigrada cresceu mais do que a população residente em Portugal: 18% contra 7%, entre 1990 e 2010.

Recorrendo a dados provisórios da OCDE, o relatório constata que na última década a emigração portuguesa se masculinizou, “tendo em conta que a população emigrada masculina aumentou mais (19%) do que a feminina (14%)”. Isto dever-se-á, admitem, “ao grande crescimento de uma emigração para Espanha em que predominava a procura de trabalho pouco qualificado no sector da construção e obras públicas”. Quanto a idades, “os portugueses idosos residentes nos países da OCDE cresceram 80%, enquanto os adultos activos, dos 25 aos 64 anos, aumentaram apenas 10%, ou seja, “as novas entradas não foram suficientes para compensar o envelhecimento da população”.

Entre os portugueses emigrados em 2010/11 mais de metade (61%) continuam a ter apenas o nível básico de escolaridade. Os portugueses com o ensino superior a procurar trabalho lá fora representaram 10% do total naquele período, quando dez anos antes representavam 6%. Considerando que a percentagem de diplomados na população portuguesa passou de cerca de 8% em 2001 para quase 14% em 2011, ou seja, aumentou cerca de 80%, o relatório sublinha que “a qualificação da população portuguesa mantém-se superior à da população emigrada, pelo menos à que reside em países da OCDE”. Logo, “o aumento da qualificação daquela população emigrada é mais um resultado do aumento da qualificação portuguesa do que de uma maior incidência da emigração nos sectores qualificados”. Uma constatação que não surpreende José Carlos Marques: “É verdade que os emigrantes altamente qualificados são hoje mais do que no passado, mas exagerou-se no destaque dado à emigração qualificada, porque a nossa emigração continua a ser marcada pela saída de pessoas pouco ou nada escolarizadas, o que se compreende porque um dos sectores que mais sofreram com a crise em Portugal foi a construção civil”.